

A CATEGORIA DA ALTERIDADE EM *O SEGUNDO SEXO* DE SIMONE DE BEAUVOIR

(DESTACANDO A RELAÇÃO ENTRE HOMENS E MULHERES)

LA CATEGORÍA DE ALTERIDAD EN *EL SEGUNDO SEXO* DE SIMONE DE BEAUVOIR

(DESTACANDO LA RELACIÓN ENTRE HOMBRES Y MUJERES)

Patrícia Felden*

RESUMO

Em *O Segundo Sexo* Simone de Beauvoir desenvolve uma forte crítica contra a visão machista que encara a mulher como “outro” em sentido negativo (com relação ao masculino), não reconhecida como alteridade positiva, com características próprias e independentes das imposições masculinas. Beauvoir considerava a *alteridade* uma das categorias fundamentais do pensamento humano expressa, por exemplo, nas dualidades “eu e o outro” e “nós e eles”, no entanto, os homens reconhecem a alteridade de outros homens ou grupos formados por indivíduos masculinos e negam à mulher um reconhecimento positivo de alteridade, sendo que sempre o masculino é tomado como referência de modelo para a espécie. O presente trabalho busca realizar uma reflexão inicial a respeito das considerações de Beauvoir no que diz respeito a categoria da *alteridade* direcionada ao sujeito feminino, encarada como uma “alteridade em segundo plano” para a qual não se reconhece reciprocidade. Este trabalho foi apresentado na XV Semana acadêmica de Filosofia (Balbúrdia: os desafios das humanidades) na Universidade Federal de Santa Maria-UFSM.

PALAVRAS-CHAVE: Alteridade. Beauvoir. O Segundo Sexo. Reciprocidade. Ética.

RESUMEN

En *El Segundo Sexo*, Simone de Beauvoir desarrolla una fuerte crítica contra la mirada machista que ve a la "mujer como" otra "en un sentido negativo" (en relación a el masculino), no reconocida como una otredad positiva con sus propias características independientes de las imposiciones de los hombres. Beauvoir consideraba la "otredad" como una de las categorías fundamentales del pensamiento humano expresada, por ejemplo, en las dualidades "yo y el otro" y "nosotros y ellos", aunque los hombres reconocen la otredad de otros hombres (o grupos formados por hombres) y niegan a las mujeres un reconocimiento positivo de la otredad, . Siempre se toma al macho como referencia modelo para la especie. El presente trabajo busca hacer una reflexión inicial sobre las consideraciones de Beauvoir con respecto a la categoría de "Alteridad" dirigida al sujeto femenino, vista como una "alteridad negativa", para la cual no se reconoce reciprocidad. Este artículo fue presentado en la XV Semana Académica de Filosofía, en la Universidad Federal de Santa Maria-UFSM.

PALABRAS CLAVE: La alteridade. Beauvoir. El Segundo Sexo. Reciprocidad. Ética.

* Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: pfel.solong@hotmail.com.

Em *O segundo sexo*, publicado em 1949, Beauvoir afirma que a categoria do “Outro” é tão original quanto a própria consciência. A alteridade é uma categoria fundamental do pensamento humano. Nenhuma coletividade se define como “Uma” sem colocar imediatamente a “Outra” diante de si (BEAUVOIR, 1970, p. 11).

Quando observamos a história das sociedades humanas primitivas, encontramos a constante dualidade que pressupõe a relação “eu/outro”. Beauvoir cita Lévi-Strauss¹, lembrando a passagem do “estado natural para o estado cultural”, identificando a dualidade, o reconhecimento do “Outro” como um “estranho”, um “diferente”, o que acontece para ambos os sujeitos na relação.

A “alteridade” como categoria do pensamento carrega, também, implícita, a possibilidade da reciprocidade. Por exemplo, o nativo percebendo o estrangeiro como “Outro”, no processo de estranhamento do “Outro”, ao mesmo tempo afirma a si em suas qualidades peculiares, de modo que tal relação carrega a possibilidade da reciprocidade, dado que a reação do “Outro” ou mesmo o observar, comparar-se e identificar diferenças no outro influencia o olhar do sujeito sobre si mesmo.

Quando questionamos a reciprocidade entre os sexos, percebemos que quando se trata do sexo feminino essa reciprocidade é negada; o “Outro”, na categoria de feminino, não é definido como uma alteridade positiva.

Beauvoir questiona o motivo de as mulheres, muitas vezes, não buscarem respostas para o problema da “negação de reciprocidade” e não reagirem à imposição a elas de uma condição de “alteridade negativa”. Por qual (ou quais) motivo(s) as mulheres não contestam essa soberania do macho? De onde vem essa submissão da mulher? (BEAUVOIR, 1970, p. 12).

A desigualdade pode ser vista como um fator numérico, em que uma maioria impõe a sua vontade à minoria; no entanto, como lembra Beauvoir, existe um número tão grande de mulheres quanto de homens no mundo (segundo pesquisas, na verdade, há mais mulheres, elas são maioria em grande parte dos países; no Brasil, por exemplo, estão em maior número²) e, apesar disso, as mulheres estão submetidas ainda aos interesses masculinos.

¹ “A passagem do estado natural ao estado cultural define-se pela aptidão por parte do homem em pensar as relações biológicas sob a forma de sistemas de oposições: a dualidade, a alternância, a oposição e a simetria, que se apresentam sob formas definidas ou formas vagas, constituem menos fenômenos a serem explicados que os dados fundamentais e imediatos da realidade social” (LÉVI-STRAUSS *apud* BEAUVOIR, 1970, p. 11).

² Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), 2018.

Segundo Beauvoir, a subordinação feminina é um evento também histórico que não se deve apenas à estrutura fisiológica das mulheres (embora isso seja um elemento a ser considerado), mas, quando passamos a observar atentamente o processo histórico, identificamos que, quando surgem as primeiras sociedades humanas organizadas com base na agricultura³, a subjugação feminina se destaca, acompanhando o desenvolvimento de hierarquias de poder nessas primeiras sociedades sedentárias. Tal situação é perpetuada no decorrer da história e impregna as culturas das sociedades humanas ditas civilizadas, do Ocidente ao Oriente, mesmo em épocas nas quais a força física pode ser substituída pela praticidade de novas tecnologias.

O homem é visto como uma referência para se definir o que a espécie humana “deve ser”, enquanto a mulher é classificada como “uma alteridade em sentido negativo” diante da figura masculina; tal situação obviamente é uma história moldada pelos próprios homens.

Os estereótipos culturais transformaram as mulheres em sujeitos reprimidos ou apagados, condicionando-as a tarefas para as quais os homens comumente não se sujeitam ou evitam realizar, tarefas como o cuidado do lar e dos filhos, cozinhar, etc. Tarefas adaptadas a um ideal de “esposa ideal” imposto pela cultura dominada pelos homens.

Beauvoir (1970, p. 15) afirma existir uma dificuldade para as mulheres fazerem parte da elaboração do mundo. Os laços que unem as mulheres aos homens são fortemente intensificados pela afetividade, tornando-as um “Outro” dentro de uma totalidade, mas um “Outro” em sentido negativo diante da referência masculina afirmada. A necessidade biológica, o desejo sexual, colocam o homem sob dependência da mulher, mas nem assim as mulheres são libertadas socialmente.

Beauvoir (1970, p. 85) cita a relação do senhor e do escravo na introdução de *O segundo sexo* para elucidar a situação das mulheres. Certas passagens da dialética com que Hegel define a relação do senhor com o escravo se aplicariam também à relação do homem com a mulher. Senhor e escravo estão unidos por uma situação de necessidade; o escravo não questiona ou, muitas vezes, não percebe a necessidade por parte do senhor e se submete,

³ Tomando como referência a obra *A origem da família*, de Engels, a autora, por exemplo, destacava que, quando transformações ocorreram no modo de produção das sociedades da pré-história que ainda eram de caçadores e coletores nômades, sociedades as quais, com a agricultura, passaram a uma nova forma de divisão de trabalho, a relação entre mulheres e homens mudou drasticamente: “com a descoberta do cobre, do estanho, do bronze, do ferro, com o aparecimento da charrua, a agricultura estende seus domínios. Um trabalho intensivo é exigido para desbravar florestas, tornar os campos produtivos. O homem recorre, então, ao serviço de outros homens que reduz à escravidão. A propriedade privada aparece: senhor dos escravos e da terra, o homem torna-se também proprietário da mulher. (BEAUVOIR, 1970, p. 74).” (FELDEN; COELHO, 2018, p. 472-473).

passando a servir o seu senhor até o fim de sua vida; já o senhor, ao contrário, jamais fará notar essa necessidade e dependência com relação ao escravo e sua força de trabalho. Algo semelhante vale para as relações entre homens e mulheres. Afirma Beauvoir que a mulher sempre foi como uma “escrava do homem”, ela nunca compartilhou um mundo em igualdade de condições, sempre foi sua vassala. No entanto, mesmo entre os escravos, as mulheres escravas são subjugadas aos homens escravos, e aí está a identificação de algo importante para analisarmos e tentarmos compreender, no que diz respeito ao problema da subjugação feminina, pois demonstra que o machismo se faz notar mesmo entre os que são explorados por outros grupos humanos. Situação semelhante encontramos dentro da classe trabalhadora (maioria da população em quase todos os países do mundo e, em especial, nas sociedades em que o capitalismo é o modo de produção vigente, submetida aos interesses da classe burguesa⁴ e seus agentes políticos), o machismo aparece muitas vezes mesmo em movimentos que pretendem promover a libertação proletária.

Toda a história foi feita pelos homens, afirma a autora⁵. No momento em que as mulheres começam a tomar parte na elaboração do mundo, esse mundo é ainda um mundo que pertence aos homens. Eles bem o sabem, elas mal duvidam.

Beauvoir aponta a desigualdade extrema de condições entre homens e mulheres, cita exemplos em que os homens possuem salários mais altos, maiores possibilidades de êxito em relação às suas concorrentes; eles ocupam na política os cargos mais importantes em grande número; na indústria, um maior número de lugares e sempre os postos mais importantes. O presente envolve o passado, e no passado toda a história foi feita pelos homens, pois, afinal, foi, até hoje, predominantemente contada por eles. Essa situação afeta até mesmo a forma como as mulheres encaram a si mesmas e outras mulheres.

A mulher prende-se ao homem sem reclamar reciprocidade, ela não consegue se autoafirmar enquanto sujeito autônomo, pois está presa às amarras de questões primárias básicas para sua sobrevivência. Quando o homem se encarrega de garantir os recursos materiais para a sobrevivência da mulher, automaticamente a mulher une-se a ele mais

⁴ A classe burguesa nas sociedades capitalistas expressou com dedicação o machismo, segundo Beauvoir (1970, p.18): “A burguesia conservadora continua a ver na emancipação da mulher um perigo que lhe ameaça a moral e os interesses. Certos homens temem a concorrência feminina.”

⁵ Até mesmo a religião foi usada para sacralizar a dominação masculina na história. Lembrando Beauvoir (1970, p. 16): “Mas os homens não poderiam gozar plenamente esse privilégio se não o houvessem considerado alicerçado no absoluto e na eternidade: de sua supremacia procuraram fazer um direito. ‘Os que fizeram e compilaram as leis, por serem homens, favoreceram seu próprio sexo, e os juristas transformaram as leis em princípios’, diz ainda Poulain de La Barre. Legisladores, sacerdotes, filósofos, escritores e sábios empenharam-se em demonstrar que a condição subordinada da mulher era desejada no céu e proveitosa à terra.”

fortemente, passando a buscar sentido para sua existência na ligação e dependência ao homem; assim a sua transcendência é prejudicada, e sua vontade é submetida à vontade alheia.

Beauvoir no decorrer de *O segundo sexo* buscará respostas para compreender os motivos que levaram a mulher à categoria de “Outro” em um sentido negativo. O problema geral, ressalta ela, está em torno dos seguintes temas: *como a “realidade feminina foi constituída”*; *por quais razões a mulher foi definida como o “Outro”*; *quais foram as consequências do ponto de vista masculino*. A autora justifica que não poderemos encontrar as respostas para essas questões se considerarmos apenas os fatores econômicos como motivos principais para a submissão feminina. Para Beauvoir, precisamos entender a mulher como um “Existente no mundo”; ela (a mulher), também, quer buscar os seus valores e fazer parte do mundo, ativamente.

A mulher enquanto indivíduo existente possui uma liberdade e descobre-se em um mundo onde homens lhe impõem uma condição de “Outro em subjugação”, um outro para o qual não se reconhece reciprocidade ou alteridade positiva; ela torna-se objeto sem imanência, e sua transcendência é ultrapassada por uma outra consciência soberana: “o homem”, o “Sujeito absoluto”.

Beauvoir defende o projeto existencialista para qualquer sujeito; que todos possam construir a si mesmos de forma autônoma, mas na interação com o mundo e levando em consideração a imersão humana em sociedade.

Todo sujeito coloca-se concretamente através de projetos como uma transcendência, só alcança sua liberdade pela sua constante superação em vista de outras liberdades; não há outra justificação da existência presente senão sua expansão para um futuro indefinidamente aberto (BEAUVOIR, 1970, p. 22-23). Para a autora esse é um referencial ético que deve ser levado a sério. Todo indivíduo que se preocupa em justificar sua existência se sente impulsionado por uma necessidade indefinida de se transcender. Para tal projeto poder ser realizado, obviamente é necessário encontrar propícias condições na vida em sociedade e, nesse ponto, infelizmente, ainda notamos na maioria das sociedades contemporâneas a presença forte do machismo (em algumas sociedades mais violento e mortal do que em outras), prejudicando a efetivação dos projetos existenciais das mulheres.

Ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro. Pretende-se torná-la objeto, votá-la à

imanência, porquanto sua transcendência será perpetuamente transcendida por outra consciência essencial e soberana. O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito que se põe sempre como o essencial e as exigências de uma situação que a constitui como inessencial. (BEAUVOIR, 1970, p. 23).

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: experiência vivida**. Tradução Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

ENGELS, Frederick. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1984.

FELDEN, Patrícia; COELHO, Paulo Vinícius Nascimento. A superação da condição de subjugação das mulheres e seu significado para a história humana (o pensamento de Simone de Beauvoir em diálogo com o materialismo histórico dialético). **Sapere Aude: revista de filosofia**, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 468-477, dez. 2018.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.